

**Aldenice Contente Dias**

Professora, poetisa e escritora. Possui Licenciatura em Letras- UVA  
Pós-graduação em Metodologia de Ensino de Língua portuguesa e Literatura- UNINTER  
Pós-graduanda em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica - IFAP

**RESUMO**

Este artigo esclarece que a prática de textos escritos requer a agilidade de conhecimentos referentes a situações de comunicação, à língua e às coisas de mundo, que são as informações que se encontram no contexto. Demonstra que há a ausência de mais práticas de textos pautadas no ensino funcionalista da língua e de docentes com mais conhecimentos da linguística textual. Aborda teorias recentes de especialistas que esmiúçam o trabalho com textos, além de refletir sobre as metodologias que estão sendo aplicadas em classe. Instiga novos métodos a professores e discentes que se interessam pelo trabalho com textos. O trabalho foi desenvolvido através de referências bibliográficas e pesquisa de campo. Apresenta grande significância para o ensino brasileiro que atualmente tem enfrentado dificuldades no desenvolvimento textual, pois muitos alunos terminam o ensino médio e ainda procuram cursinhos para “aprender redação”. Lá chegando, os ensinam as tipologias: narração, descrição e dissertação, deixando de lado os gêneros textuais que são os textos encontrados no cotidiano. Também discuti o sentido de discurso diferenciando-o de texto. Além de nortear e até mesmo ser um ponto de partida para aqueles que pensam em fazer algo diferente em sala de aula, mas que não percam de vista os objetivos e a produtividade com seus alunos. Vem meditar que o conhecimento do professor não é para ser guardado a sete chaves, mas para compartilhar. E é esse compartilhamento de conhecimentos que este artigo propõe.

**Palavras-chave:** reflexão; texto; ensino.

**INTRODUÇÃO**

Quando o ser humano realiza algo por meio de palavras, imagens ou sons, ele está produzindo textos. Assim, para o bom entendimento entre as pessoas, o homem tem a capacidade de trocar, dialogar ou discutir ideias por meio dos diferentes discursos.

Sabe-se que até por questão de sobrevivência, faz parte da natureza

humana comunicar-se. Até Deus, por meio da palavra comunicou-se com Moisés no Monte Horebe. Também a bíblia sagrada relata que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Então, no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus (BÍBLIA, 1995, p. 1216)

Com isso, conscientiza-se para o poder que a palavra ocupa no mundo. E, pautado na visão de que a comunicação só é possível por textos e que as relações humanas se firmam e se apóiam por meio da linguagem, além da dificuldade enfrentada por alunos na produção textual escrita, é que este trabalho vem proporcionar conhecimentos que mistifiquem que a prática de textos escritos requer a agilidade de conhecimentos referentes à língua, aos gêneros textuais e a coisas de mundo. E também informar que, para a aceitabilidade dos textos, a escrita deve ser fluente, eficiente e consistente. Estes são, alguns elementos indispensáveis para persuadir o leitor.

Atualmente, até por questão de tradição escolar, o processo ensino/aprendizagem está arraigado nos aspectos normativos da língua. Embora alguns educadores estejam buscando acompanhar as novas tendências da língua para posteriormente aplicarem estes conhecimentos na prática da sala de aula, mas nada acontece do dia para a noite.

No entanto, certo percentual de professores permanece no comodismo e precisam refletir que são eles que têm que iluminar o pensamento do aluno. É como o dançarino que só sabe dançar uma música e, conseqüentemente, seus alunos também aprenderão apenas um ritmo. E, em se tratando da dança estudantil, o descompasso é enorme, porque a apresentação não será apenas em um show, porém acontecerá em 200 dias letivos.

Assim sendo, poderá não haver medida governamental suficiente para mudar a posição educacional do Brasil diante de outros países que têm a sua solidez na educação.

O artigo está dividido em três capítulos. O primeiro esclarece que o ser humano interage linguisticamente na sociedade, além do dinamismo e funcionalidade da língua. Conseqüentemente promove uma reflexão no trabalho textual e, a seguir, relaciona discurso e texto, citando o que propõem os PCNs e sugere metodologias textuais.

## **PERSPECTIVA TEXTUAL**

Devido à racionalização do homem em relação aos demais animais, torna-se fácil compreender o instrumento pelo qual executa as ações do pensamento. Para ele expressar o que pensa e sente, faz uso do presente preciosíssimo que Deus o dotou: a linguagem. Presente este com alto teor de sedução.

Por meio dela, exterioriza os seus sentimentos, realizando-os de várias maneiras. Algumas por ações amáveis e dóceis e outras, ferinas e grotescas, que são transmitidas por modalidades orais e escritas. A primeira é mais espontânea, enquanto que a segunda exige o conhecimento de

normas da língua que, neste trabalho, tem maior relevância.

No entanto, as relações humanas se mantêm e se estabelecem por intermédio da linguagem. Nelas, os indivíduos interagem linguisticamente trocando entre si os papéis de falante e ouvinte. (NEVES, 2010, p. 55).

E, como o mundo está em constantes transformações, a língua acompanha essas mudanças, uma vez que ela não é estática. Nesse sentido, Perrotti (2009, p. 71), discorre

A língua portuguesa, como todas as demais línguas, é dinâmica, sofre mudanças. Com o tempo, adquire novos termos e abandona outros, toma emprestadas algumas formas de dizer e rejeita as que não se adaptam às características. Por isso, não pode ficar numa camisa de força, embora haja algumas regras que precisam ser observadas por quem escreve, para que o texto, por sua vez, possa ser bem-aceito em qualquer situação (PERROTTI, 2009, p.71).

Para comprovar esse dinamismo da língua, basta observar que o português ao longo dos séculos passou por inúmeras transformações, como exemplo, algumas obras literárias, expressas em um português bem arcaico. Atualmente tudo parece mais rápido. Um dos motivos é a globalização. Muitas palavras que não existiam estão sendo incluídas no vocabulário, como exemplo o verbo deletar, que veio do inglês e tornou-se comum com a utilização dos computadores, que significa eliminar, apagar. E o interessante é que os usuários incorporam para a vida diária muitas dessas palavras. Veja a fala de uma mocinha ao comentar sobre um desafeto: “Deletei o safado da minha vida!” (LEITE, 2008, p. 73).

De certo modo, não se podem rejeitar certas regras gramaticais, porém tem que saber usá-las adequadamente dependendo do contexto, já que não adianta conhecê-las sem saber a sua funcionalidade e utilidade. Porque o falante tem que ter conhecimento do que possui. Para tanto, a unidade básica na análise da língua em funcionamento é o texto. Ele é unidade com nível de expressão e nível de conteúdo. Então, deve-se priorizá-lo, porque ele é a pura gramática. Só que para isso é necessário fazer uma análise funcional, no contexto e não extrair palavras isoladas para descobrir se tais são verbos, substantivos, adjetivos ou outra classe de palavra qualquer. Desta forma, está usando-se o texto apenas como pretexto.

Porquanto, já está claro que o ensino de língua deva dar-se através de textos. Mas o problema está no modo como este ensino está sendo praticado, já que são muitas as formas de se trabalhar o mesmo.

Entre elas, veja algumas propostas do linguista Marcuschi (2008, p. 51-52) para o trabalho com base em textos

A língua em seu funcionamento autêntico e não simulado; as relações entre fala e escrita no uso real da língua; o funcionamento e a definição de categorias gramaticais; o funcionamento dos processos semânticos da língua; organização das intenções e os processos pragmáticos; a progressão temática e a organização tópica; a questão da leitura

e da compreensão; o treinamento do raciocínio e da argumentação; o estudo dos gêneros textuais, além dos problemas residuais da alfabetização (MARCUSCHI, 2008, p.51-52).

Assim, comprova-se a versatilidade de atividades que um texto proporciona. A riqueza de conhecimentos que este pode proporcionar ao aluno. Porém, é preciso conscientizar os alunos, pois muitos entendem que estudar gramática e decorar regras são meios de desenvolver seu desempenho na língua padrão, principalmente na escrita, enquanto esse pensamento de fato não se concretiza.

Compartilhando dessa ideia, Perini (2010, p. 18), esclarece que

Estudar gramática não leva, nunca levou, ninguém a desenvolver suas habilidades de leitura, escrita ou fala, nem sequer seu conhecimento prático do português padrão escrito. Essas habilidades podem e devem ser adquiridas, mas o caminho não é estudar gramática. Ela deve ser estudada porque é parte da formação científica dos alunos – formação essa que se torna cada dia mais indispensável ao cidadão do século XXI (PERINI, 2010, p.18).

Em conformidade com o pensamento do autor, os estudos de gramática proporcionam a estruturação do funcionamento da língua e, conseqüentemente, da sociedade, já que é ela quem faz uso da mesma. Esse maravilhoso mecanismo capaz de permitir a comunicação e que também possibilita a própria existência da complexa sociedade moderna.

Cabe mencionar ainda, que a gramática não se assemelha a uma bula de remédio ou a uma receita de bolo, que precisa ser seguida fielmente. Porque se assim fosse não renderia resultados, pois uma palavra que você pensa que é substantivo, em outra frase pode ser adjetivo e, assim sucessivamente. Como nos exemplos: O gato pulou o muro. (gato= substantivo) e Paulo é um gato (gato=adjetivo). Assim, é necessário o estudo do funcionamento e a definição de categorias gramaticais.

Nesse sentido, Koch (2011, p.13) explica que Para Azeredo (2000, p.35) a tarefa da gramática seria descrever e explicar a competência textual, estabelecendo os princípios constitutivos do texto, explicando os critérios de sua delimitação e completude, determinando uma tipologia de textos.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância compreender a coesão e a coerência. A primeira embasa-se na ligação das partes do texto, a superfície. E a segunda relaciona-se a sentido, que são processos cognitivos proferidos pelos leitores.

Diante disso, a gramática não esgota nem o estudo da língua, nem o da comunicação humana, mas é um ingrediente fundamental dela.

Na percepção do linguista Perini (2010, p.19), a sociedade vive textualmente, e a vivência se processa de diferentes maneiras e entre diferentes indivíduos “O texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Assim, todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do

falado é a forma como tal coprodução se realiza.”

E na visão de Koch, o texto de fato, só exercerá seu papel na medida em que houver interação. Pois um texto é resultado da verbalização entre interlocutores. E o que diferencia o texto escrito do falado é a maneira como estes se processam. No texto falado, acontecem juntos a verbalização e o planejamento enquanto no escrito isso não acontece.

## REFLEXÃO SOBRE O ENSINO COM TEXTOS

Partindo do ponto de vista de que nada é estático, porém tudo se transforma, convida-se a refletir e reconstruir a visão que ainda se tem do trabalho com textos. Esse tratamento dependerá do conhecimento que se possui. Quanto mais informações, maior o discurso, o texto, as explicações, as metodologias e atividades sólidas e plausíveis.

Às vezes, pergunta-se: qual a metodologia mais adequada para se trabalhar com os textos escritos? A melhor é a que dá certo, a que surti resultados. Uma das atividades boas para introduzir a produção textual escrita com alunos de qualquer série, desde que ele já esteja alfabetizado, senão estiver o professor poderá ser o seu escriba, é através do intertexto.

Falar de intertextualidade é fazer a relação existente entre os textos, o que recebe o nome de verossimilhança. Pois em um texto, sempre haverá resquícios de outro (s).

Assim, leve um texto para a sala de aula e peça para os alunos fazerem a reconstrução. É uma atividade significativa, e mais ainda quando o educador ler os textos para a turma. Isso os motiva a escrever mais e mais.

Veja a produção de um aluno da 4ª série, da Escola Estadual José Ribamar Teixeira, de Porto Grande/AP, depois que a professora trabalhou com os alunos a intertextualidade, e propôs que fizessem um intertexto

Penso pouco  
Falo muito  
Beijo tanto  
Que nem percebo  
Meu coração  
Tem emoção  
Que as pessoas  
Têm compaixão

Logo, você lembra-se da poesia “O bicho”, de Manuel Bandeira. Esta poesia foi o carro-chefe para que o aluno pudesse produzir a sua.

Depois de feita a reescrita, conduza o aluno a refletir sobre o que escreveu. Frequentemente, ele falará de si. Então, faça-o compreender o que é o estilo do autor, que é a marca dele enquanto personalidade.

Quando você ouve alguém comentar de algo bom que você fez, isso o estimula, não é? Então queira para os seus alunos aquilo que você deseja para você ou seu filho. Incentive-o a escrever, a ler. Indique bons livros. Leve

poesia, textos diversificados para a sala de aula, que são os gêneros textuais. Ninguém não gosta do que não conhece. Por isso, crie textos para trabalhar com os seus alunos, enfocando neles assuntos que você queira abordar. O maior incentivador numa sala de aula é o professor. Se ele vai trabalhar cabisbaixo, depois não adiante lamentar-se dos resultados ruins.

Trabalhe a gramática usando os próprios textos dos discentes, lendo em voz alta para que percebam seus erros, se houver. Mas, contudo, sem revelar o nome do aluno para não torná-lo constrangido. Desta forma, perceberão que o que estudam faz parte do seu dia a dia e não acontece somente nas quatro paredes da sala de aula.

Não ensine a Língua Portuguesa como se ensina uma língua estrangeira, porque eles já sabem falar e bem a língua, o que falta é compreender a sua estruturação. E o papel de esmiuçá-la, é do professor de língua portuguesa.

Rompa alguns conceitos que certos alunos têm da língua. Leve-os a reconstruir novos. Alguns alunos e professores ainda estão arraigados no que prega o livro didático como verdades absolutas. Porém, os LD devem ser apenas uma das fontes de pesquisa e não a única fonte. Em alguns LD ainda há muitos conceitos defasados. Como exemplo o conceito de adjetivo, como palavra que dá qualidade ao substantivo. E quando o aluno depara-se com a frase: “O corpo de Aparecido está enferidado”. Aí o conceito cai por terra, porque enferidado não é qualidade de nada, muito menos do corpo de Aparecido.

Outro equívoco também é concernente ao título do texto. No ensino fundamental I, se vê escrito a palavra “título”. Que revolta quando acontece ainda isso.

O título é o nome do texto e, portanto, não precisa escrever a palavra “título”. E se os alunos nas séries iniciais aprendem deste jeito, crescerão fazendo assim, até que chegue alguém para alertá-los, já terão produzidos muitos textos nesta mesmice.

E, quanto às formas de apresentação do texto aos alunos, Marcuschi diz que é inadequada, sobretudo nas primeiras séries, porque padecem de problemas de organização linguística e informacional.

Isto acontece, porque muitos textos são utilizados apenas como atividade para uma leitura fluente. É feita apenas a leitura superficial. Nessa atividade não se convida a gostar de leitura, ela é feita como uma obrigação. E futuramente também não se despertará o prazer pelo texto escrito, porque é através da leitura se adquire mais conhecimentos para a escrita.

De fato, atualmente um dos problemas de ensino, é o tratamento que o texto vem recebendo. O texto foi adotado como motivação e estímulo para o ensino sem mudar as formas de acesso, os tipos de trabalho e as propostas de análise. Porém, o problema principal não se faz presente somente nas formas de acesso e sim nas formas como ele está sendo apresentado aos alunos.

E aqui está um repensar para os professores: pensem bem quais formas usarão para apresentar os textos aos alunos. A primeira vez pode ser

inesquecível ou odiável. Antes, prepare os alunos, para na hora “h” não terem surpresas desagradáveis.

Aqui, percebe-se a necessidade do educador apresentar conhecimentos referentes à Linguística Textual, que tem como objeto de investigação, o texto. E de acompanhar os estudos atuais nesta área, fazendo leitura a fim expandir sua visão. Uma vez que ninguém ensina o que não sabe, já que é ele quem apresenta e desenvolve o trabalho com os mesmos, pois uma boa aula só é dada por um bom educador.

Para Lisboa (1996, p.11-15-16-17) “somos exatamente o que nossas aulas são, na mesma dimensão, no mesmo valor. É importante que fique claro que todos aqueles que ensinam estão fadados a atualizarem-se para o resto de suas vidas. [...] A solução realmente está em nós.

A ausência de um bom desenvolvimento com textos também é mencionada por Marcuschi (2008, p. 53) que frisa que os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. A partir de então, percebe-se a descompassabilidade da dança e nota-se que algo não está caminhando como deveria. E a leitura é importante porque atualiza e aprofunda conhecimentos, além de desenvolver o espírito crítico, desperta o respeito por pontos de vista diferentes e proporciona conhecer outros estilos de escrita.

Nessa perspectiva, a leitura é considerada uma metacompetência utilitária para possuir conhecimentos nas diversas áreas. Verifica-se que falta relacionar a sala de aula com a vivência dos alunos nas atividades de produção textual escrita. Neste momento, é excelente trabalhar com os gêneros textuais porque eles estão inseridos no dia a dia das pessoas e retratam a língua em seu cotidiano nas mais diferentes formas.

E a proficiência em leitura é uma insônia nacional, como bem observa Moura e Castro (2001, p.34)

Das mil coisas e conteúdos que a escola faz ou tenta fazer, o Pisa está nos mostrando que ela esquece da mais essencial: dar ao aluno o domínio da linguagem. Se fosse necessário gerar um slogan para todas as escolas de todos os níveis, esse seria, “Só há uma prioridade na escola brasileira: ensinar a ler e entender o que está escrito (MOURA E CASTRO, 2001, p.34).

## O DISCURSO E O TEXTO

Na concepção do poeta Jhon Done, ninguém é uma ilha. Porém, todo indivíduo faz parte de uma sociedade e exerce relações sociais em diferentes instituições como a igreja, a escola, a indústria, etc. E, cada instituição tem seu discurso organizado em textos.

Na análise de Fairclough (1997, p. 271 apud Meurer, 2005, p. 87), “O discurso é o conjunto de afirmações que se articulam na linguagem. [...] O texto é a realização linguística na qual se manifesta o discurso. O discurso é o conjunto de princípios, valores e significados por trás do texto”.

Não se pode falar de texto sem mencionar o discurso. Este é um instrumento usado para a materialização do enunciado.

De acordo com Dominique Maingueneau (1991, apud Furlanetto, 2005, p. 261), posiciona que

Os textos, por sua vez, aparecem como enunciados obedecendo a certas condições de organização, uma vez que são formulados em contexto institucional que estabelece balizas para a enunciação (são vinculados, pois, a gêneros do discurso); eles refletem de algum modo, as características históricas da sociedade onde circulam: valores, convicções, crenças, conflitos (Maingueneau, 1991, apud Furlanetto, 2005, p. 261).

Neste sentido, as diferentes formas de expressar um texto chamam-se discurso. E um texto faz parte de um conjunto discursivo que se realiza num gênero relacionado por elementos e condição de produção.

Em decorrência, ao se organizar um texto, deve-se pensar nos elementos que o constituem. E, devido à interação verbal, as formas dos atos de fala evoluem. Logo, mudanças também das formas da língua, já que ela acompanha as mudanças.

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, estes mencionam que o usuário da língua tenha competência na linguagem escrita, uma vez que lê e produz textos, além de estar presente nas atividades sociais. Assim, em texto recente da linguista Rojo, p. 206, 2005, ela ressalta em sua análise que

A visão de leitor/produtor de textos presente nos PCNs é a de um usuário eficaz e competente da linguagem escrita, imerso em práticas sociais e em atividades de linguagem letradas, que, em diferentes situações comunicativas, utiliza-se dos gêneros do discurso para construir ou reconstruir os sentidos de texto que lê ou produz. Essa visão é bastante diferente da visão corrente do leitor/escrevente, como aquele que domina o código escrito para decifrar ou cifrar palavras, frase e textos e, mesmo, daquele leitor escrevente que, dentre os seus conhecimentos de mundo, abriga na memória de longo prazo, as estruturas gráficas, lexicais, frasais, textuais, esquemáticas necessárias para compreender e produzir, estrategicamente, textos com variadas metas comunicativas.

Portanto, há certa disparidade entre o posicionamento dos PCNs e a real situação quanto ao leitor/produtor de textos. Uma coisa é almejar e outra bem diferente é ser. Embora não seja impossível atingir o que propõe os PCNs. Mas até isso acontecer, muita coisa precisa ser mudada. E entre tais mudanças, a reflexão deve ser o ponto de partida. Aqui, cumpre-se o discurso de Mário Quintana: O livro não muda as pessoas, o que mudam são as pessoas que leem os livros.

Partindo do pensamento de Quintana, não adianta passar anos na universidade, se tornar especialistas e a prática de trabalho continuar sendo as de praxes. Não adiantou ler vários livros, se as leituras não refletem em mudanças concretas na prática de sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo promove uma reflexão inestimável sobre o trabalhar com textos escritos. Enriquece as metodologias de ensino da língua portuguesa, além de esclarecer que a linguagem é o objeto de estudo e reflexão, por realizar-se através de textos.

Todavia, o posicionamento foi baseado no funcionalismo e na dinamicidade da língua, uma vez que ela acompanha as mudanças da sociedade. E, se com a língua acontecem mudanças, na prática da sala de aula isto também precisa ocorrer, pois o ensino não deve ficar arraigado em metodologias defasadas.

Neste sentido, o educador deve estar se atualizando constantemente. Os recursos eletrônicos estão tomando espaço no mundo e são recursos que devem ser utilizados na sala de aula.

O letramento digital autoriza ampliar o ensino da leitura através de diversos tipos de linguagens, mesmo as não verbais, além de desenvolver o senso crítico e domínio da linguagem. É proveitoso trabalhar com os alunos as especificidades do mundo digital.

Assim, o professor deve contribuir para que o aluno, gradativamente, exerça um olhar crítico a respeito de seu texto. Porém, para que isso aconteça, o educador/ mediador precisa tomar as produções dos alunos como objetos de reflexão e análise, proporcionando momentos de discussão entre os mesmos, e não somente usar seus textos para atribuir-lhes notas.

Desta forma, as produções escritas serão solitárias no momento da escrita e, solidárias, à medida que houver socialização, indagações, questionamentos. As críticas construtivas dos colegas ajudarão o aluno/escritor a perceber as falhas e, futuramente se esforçar nas próximas produções.

Um equívoco que acontece muito com os textos dos discentes, é que certos professores corrigem apenas os erros ortográficos, deixando de lado critérios importantes, como a coesão, a coerência, a intertextualidade, entre outros.

Também deve instigar os alunos a praticarem atividades que desenvolvam a metalinguagem, provocando-os a pensar, e pensando, escreverão. Neste momento será papel do educador mediar e orientar as produções com os conhecimentos da linguística textual.

Aos professores, que não desistam de estudar e pesquisar, porque ensinar foi a profissão de Jesus. No entanto, mataram-no. Nem sempre consegue-se agradar a todos, mas quando você faz algo diferente, os outros logo percebem.

Portanto, conotativamente, os livros devem ser devorados com os olhos, boca e o coração. Após a digestão, os nutrientes renderão excelentes textos.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

LISBÔA, Wandré Guilherme Campos de. **Os Fios do Tapete: Educação por Interfaces**. Belém: Gráfica Alves, 2004.

FURLANETTO, Maria Marta. **Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau**. In: MEURER, J.L, BONINI. A, (orgs) **Gêneros, teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, J.L. **Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough**. São Paulo:Ed. Parábola, 2005.

MOURA E CASTRO, Cláudio. **A penosa evolução do ensino e seu encontro com o Pisa**. Parecer sobre a participação do Brasil no Pisa, 2001.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática na escola**. 8.Ed., São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERROTTI, Edna M. Barian. **Superdicas para escrever bem diferentes tipos de texto**. 2. Ed., São Paulo: Saraiva, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In MEURER, J.L, BONINI. A, (orgs). **Gêneros, teorias, métodos e debates**. São Paulo:Parábola, 2005.